

Não fume, faça exercícios e limite a ingestão de álcool, sal e açúcar: o que de novo podemos aprender com a estranha etnologia de Diamond?

Andrei Cechin*

*Pós-Doutorado, CDS-UnB, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil.
andrei_cechin@hotmail.com

doi:10.18472/SustDeb.v6n2.2015.15838

RESENHA

Jared Diamond. O mundo até ontem: O que podemos aprender com as sociedades tradicionais? (Tradução por Maria Lúcia de Oliveira). 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Record, 2014, 616 p. Fotos, mapas, índice. ISBN 978-85-01-10210-2.

No seu livro vencedor do prêmio Pulitzer *Guns, Germs and Steel* (1997), Jared Diamond argumentou que o advento das comunidades agrícolas assentadas na Eurásia levou em última instância à dominação do mundo pelos europeus. A pergunta que ele se propôs a responder naquela obra foi: Por que algumas culturas europeias predominaram tecnológica, econômica e politicamente sobre outras culturas, como os aborígenes, ou mesmo os incas? Ou melhor, por que não foram os incas que conquistaram a Espanha? Rejeitando noções de raça, inteligência e diferenças biológicas inatas de qualquer tipo, Diamond encontra a sua explicação no ambiente e geografia. Civilizações avançadas surgiram onde o ambiente permitia a domesticação de plantas e animais, levando à geração de excedente e ao crescimento da população, o que por sua vez levou à centralização política e à estratificação social. Em *Collapse* (2005) Diamond evoca a fábula ecológica da Ilha de Páscoa e sugere que muitas outras culturas entraram em decadência na medida em que as pessoas não conseguiram enfrentar os desafios e aceitar as limitações impostas pela natureza.

Neste novo livro, *O Mundo até ontem*, Diamond examina os modos de vida dos povos não-ocidentais e não-industrializados, que ele afirma que vivem ou viveram até há pouco tempo do jeito que todos os membros da nossa espécie viveram até 10.000 anos atrás (que é “ontem” no tempo geológico). O seu objetivo é ver o que essas culturas têm para oferecer aqueles de nós que somos “desenvolvidos”, ou melhor, “WEIRD”. Como palavra, *weird* significa “esquisito” ou “estranho”, mas Diamond a usa como um acrônimo que, em inglês, significa Ocidental, Instruído, Industrializado, Rico e Democrático (*Western, Educated, Industrialized, Rich, Democratic*).

Este é o livro mais pessoal de Diamond, bem como o mais “antropológico”. O autor começa selecionando nove temas para explorar, limitando desde o início o âmbito do seu inquérito. Ele examina como os povos tradicionais criam os seus filhos, tratam os idosos, resolvem conflitos

e gerem o risco. Dedica dois capítulos aos perigos inerentes à vida nas sociedades tradicionais, que levam a um capítulo sobre as origens da religião. Aborda as vantagens do multilinguismo e das dietas saudáveis. Embora seja prudente e faça muitas ressalvas sobre a possibilidade de transferência de valores e comportamentos de uma cultura para outra, no fim das contas Diamond aponta que as algumas maneiras “tradicionais de solucionar conflitos, criar os filhos, lidar com os idosos, estar alerta para os perigos e praticar rotineiramente o multilinguismo” (...) “seriam desejáveis e que seria possível incorporá-las” já que “algumas coisas que funcionam tão bem para eles também poderiam funcionar para você como indivíduo, e para nossa sociedade” (p.52).

O autor baseia o seu texto em estudos sobre 39 sociedades indígenas, das quais 10 são da Nova Guiné, sete são da Austrália, e 22 são de outros lugares espalhados pelo mundo. Diamond não se autodenomina um etnógrafo. Muitas conclusões e observações suas são extraídas de sua experiência pessoal como estudioso de aves na Nova Guiné. Assim, muito embora Diamond se baseie em estudos etnográficos, o que aparece como “método” de pesquisa nesse livro é quase uma etnologia por anedota, sem sistematização.

Diamond começa bem o livro, desmontando o velho mito do bom selvagem. Fora da sua própria tribo, cada pessoa descobre que a confiança é um bem muito escasso; quando alguém encontra um homem desconhecido na selva, as opções que mais comumente se impõem são fugir dele ou matá-lo. A guerra entre tribos vizinhas, em muitos casos, é tão persistente que a proporção da população morta por ação inimiga é maior do que aquela registrada para a Europa do século XX, com as suas duas guerras mundiais.

É uma pena nesse caso que o autor não dê importância à explicação evolutiva. O altruísmo (e a confiança) entre membros de um grupo podem ter coevoluído historicamente com a desconfiança quanto aos ‘de fora’ do grupo (Bowles, 2008). Novas teorias sobre a evolução do comportamento humano apontam para isso. O altruísmo humano teria evoluído por causa da guerra entre grupos. A cultura pré-histórica pode ter selecionado os indivíduos que se comportavam altruisticamente em relação a outros indivíduos no interior dos seus próprios grupos sociais. A teoria depende da ideia de seleção de grupo genético - a seleção para características que são passadas porque beneficiam o grupo, mesmo a um custo para os indivíduos. Guerras eram bastante comuns e letais entre nossos ancestrais e podem ter favorecido a evolução do altruísmo paroquial, uma predisposição a ser cooperativo com os membros do seu próprio grupo (não apenas familiares próximos) e a ser hostil com forasteiros, mesmo que a um custo considerável para o agente individual envolvido diretamente nas ações de hostilidade (Bowles, 2009). Infelizmente, o ponto de Diamond se reduz a comparar a violência no “mundo até ontem” e nas sociedades tradicionais ainda existentes com a violência dentro e entre as sociedades WEIRD, muito menor, segundo o autor.

Quando Diamond conta 10.000 anos de história em quatro centenas de páginas, como em ***Guns, Germs and Steel***, as pessoas acabam se parecendo muito com outros animais, personagens de uma longa narrativa de evolução ecológica. A abordagem de Diamond neste ***O mundo até ontem***, no entanto, cria problemas que sabotam a sua obra em duas áreas principais: ignora relações de poder e ignora os detalhes da cultura humana. No que diz respeito às relações de poder, em primeiro lugar, não se segue que o Estado, ao reduzir a violência ‘privada’, reduza a quantidade total de violência. O que o Estado faz é centralizar e monopolizar a violência em suas próprias mãos. Diamond vem de uma nação que deu início a várias guerras nas últimas décadas e que tem a maior população carcerária do planeta, a maioria dela composta por infratores não violentos. Se isso não é violência, então Diamond deveria ter encontrado uma nova definição para tal. Em segundo lugar, é difícil conciliar a ideia de estado como garantidor da segurança mútua com o fato de que todos os estados antigos, sem exceção, eram estados escravistas. A escravidão não teria sido importante, então, na própria emergência dos estados? Diamond não

faz essa pergunta. A mão-de-obra escrava como base da economia foi, no entanto, fenômeno histórico extenso e diverso nas primeiras civilizações. Tampouco se pode ignorar a importância do escravismo nas economias dos nascentes estados modernos, nos séculos XV e XVI. De novo, se isso não é violência, então Diamond deveria ter encontrado uma nova definição para tal.

No que diz respeito aos detalhes da cultura humana, nem mesmo a concepção ou a paternidade são entendidas da mesma maneira por diferentes povos. Por isso, fica difícil entender o porquê de Diamond ter ignorado as práticas de casamento e a poligamia ao redor do mundo. Uma instituição-chave nessa diferenciação entre povos WEIRD e povos tradicionais talvez seja o casamento monogâmico e o núcleo familiar restrito ao pai e mãe biológicos. Alguns autores defendem que no “mundo até ontem”, o mais comum teria sido a existência de relações poligâmicas entre membros dos grupos de caçadores-coletores nômades que ocuparam o planeta, prática existente em muitos povos a eles assemelhados hoje em dia (Ryan e Jethá, 2010). A certeza da paternidade teria se tornado algo importante apenas nas sociedades agrícolas assentadas, uma vez que surgiu a necessidade de se alimentar os próprios filhos e deixar-lhes a terra. A forma de assegurar a paternidade passou a ser o controle da atividade sexual das mulheres, fazendo com que a monogamia cumprisse uma função econômica.

São muitos os povos amazônicos que creem que a formação do feto depende do acúmulo de sêmen pertencente a vários homens no útero. As mulheres buscam ter relações com vários homens, para que o bebê herde o “melhor” de cada um: o melhor caçador, o mais gracioso, o mais forte, o melhor contador de histórias. A paternidade compartilhada (Beckerman & Valentine, 2002) envolve os diversos pais que contribuíram para a formação e desenvolvimento do feto, e pode trazer benefícios para ambos os sexos, além de maior segurança aos filhos, nessas sociedades tradicionais em que toda a descendência tem vários pais (Walker *et al.*, 2010). Por que Diamond ignorou o assunto das práticas de casamento, que tem implicações diretas sobre outros assuntos a que ele dedica muita atenção, como educação infantil e cuidado com idosos? Talvez a resposta seja que Diamond considera constrangedor dizer que temos o que aprender com sociedades poliândricas.

Diamond considera importante preservar as diversas línguas existentes no mundo, que se encontram em processo de extinção. Primeiro, porque a diversidade linguística representa um bem em si, já que é um tesouro cultural de expressão, modos de pensar e cosmologias. A literatura, cultura e conhecimento estão codificados nas línguas. Quando uma língua é extinta, junto com ela vai uma literatura, mitos e conhecimentos práticos. Segundo, porque falar diversas línguas é vantajoso para o indivíduo, seja ele de uma sociedade tradicional ou WEIRD. Uma criança típica de um grupo de caçadores-coletores é criada falando duas ou mais línguas. E a pesquisa neurológica mostra que o bilinguismo retarda o aparecimento da doença de Alzheimer significativamente para as pessoas que passaram suas vidas pensando em mais de um idioma.

O mais decepcionante é ouvir, depois de quase 500 páginas, as lições que Diamond tirou para os leitores das sociedades WEIRD. Devemos aprender mais línguas; educar os nossos filhos de maneira mais intimista e permissiva; passar mais tempo socializando e conversando face a face; usar a sabedoria e o conhecimento de nossos anciãos; aprender a avaliar de forma mais realista os perigos no nosso ambiente. Quando se trata de saúde, Diamond recomenda “não fumar; fazer exercícios regularmente; limitar a ingestão total de calorias, álcool, sal e comidas salgadas, açúcar e refrigerantes com açúcar, gorduras saturadas e trans, alimentos processados, manteiga, creme de leite e carne vermelha; e aumentar nossa ingestão de fibras, frutas e vegetais, cálcio e carboidratos complexos” (p.551). O longo e desinteressante capítulo sobre as doenças não-transmissíveis características dos povos modernos, como hipertensão e diabetes, e que não prevalecem entre os tradicionais, se assemelha a um manual antropológico de autoajuda. Finalmente, a ideia, implícita, de que estamos aprendendo hábitos alimentares diretamente com os guineenses tradicionais é absurda. As recomendações de Diamond têm origem na ciên-

cia nutricional. A compilação das informações que ele apresenta depende inteiramente das instituições científicas de coleta e análise de dados, que, por sua vez, dependem de estados modernos, centralizados, e do apoio que eles dão à pesquisa científica.

Diamond parece ter escrito o livro para responder a uma pergunta que ele deve se fazer há 50 anos: já que me sinto tão bem na Nova Guiné e entre os guineenses, já que a vida é mais colorida e as relações mais espontâneas por lá, por que continuo a viver na tumultuada Los Angeles, nos Estados Unidos? Para responder essa pergunta, Diamond elegeu alguns critérios e comparou as sociedades tradicionais como se fossem aquelas da Nova Guiné e as sociedades WEIRD como se fossem os Estados Unidos. Listou uma série de lições que podemos aprender com os povos tradicionais, mas concluiu que, apesar de tudo, “Os EUA têm grandes vantagens como uma base para se viver. Posso contar com alimentos suficientes, desfrutar conforto físico e segurança, viver quase o dobro de anos de um guineense médio tradicional” (p. 554). Vale a pena morar em Los Angeles! No fundo, para Diamond, as sociedades WEIRD apresentam vantagens absolutas em relação às tradicionais, tanto é que indivíduos dos povos tradicionais trocariam facilmente de lugar com ele, segundo o próprio Diamond. Entre tantos questionamentos que se poderia fazer ao raciocínio de Diamond, uma pergunta inevitável, mas que não parece ter lhe ocorrido é: todos os estadunidenses poderiam dizer a mesma coisa?

Diamond não poderia fechar o livro de maneira pior. O autor considera que os povos tradicionais representam milhares de experimentos de soluções sobre como lidar com problemas e que teríamos muito que aprender com esses experimentos. A falha no raciocínio é que muitos problemas só existem para as sociedades WEIRD, ocidentais, educadas, industrializadas, ricas e democráticas, e não para povos considerados tradicionais. Portanto, o que quer que tais sociedades tradicionais estejam fazendo, não estão tentando solucionar problemas que emergiram apenas no mundo industrializado. As abordagens das sociedades tradicionais para lidar com problemas que as sociedades WEIRD “não conseguiram resolver” não são soluções, pois esses problemas não se apresentam da mesma maneira para essas sociedades.

Obras citadas.

Beckerman, S., Valentine, P. 2002. Introduction. The concept of partible paternity among Native South Americans. In: Beckerman, S., Valentine, P. (eds.), 2002. Cultures of multiple fathers. The Theory and Practice of Partible Paternity in South America. Gainesville, FL: University Press of Florida, pp. 1-13.

Bowles, S. 2008. Conflict: Cooperation's Midwife. *Nature*, 456, pp. 326-27.

Bowles, S. 2009. Did Warfare among Ancestral Hunter-Gatherer Groups Affect the Evolution of Human Social Behaviors? *Science*, 324, pp. 1293-98.

Diamond, J. 1997. *Guns, Germs, and Steel: The Fates of Human Societies*. New York, NY: W.W. Norton & Company.

Diamond, J. 2005. *Collapse: How Societies Choose to Fail or Succeed*. New York, NY: Viking Press

Ryan, C., Jethá, C. 2010. *Sex at Dawn: How We Mate, Why We Stray, and What It Means for Modern Relationships*. New York, NY: Harper Collins

Walker, R.S., Flinn, M.V., Hill, K.R. 2010. Evolutionary history of partible paternity in lowland South America. *Proceedings of the National Academy of Sciences (PNAS)*, 107 (45), pp. 19195-19200.